



ARQUIDIOCESE DE
BRASÍLIA

DIRETRIZES PARA A **CATEQUESE**

2023



APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que promulgamos *As Diretrizes da Catequese para a Arquidiocese de Brasília*, que em seu bojo busca resgatar e atualizar objetivos, propor revisões do fazer catequético, estabelecendo prioridades com foco na ação pastoral catequética. Este documento é fruto de análises, leituras, reflexões, avaliações que envolveu toda a nossa Arquidiocese nos últimos dois anos.

Um documento que privilegia o caráter sinodal (paciência, escuta, diálogo) e, a partir de uma interação comunicativa, torna-se um marco para nós, pois aponta para a unidade sem uniformizar a catequese. Contudo, conforme nosso Plano de Pastoral Arquidiocesano, essas Diretrizes enfatizam a prioridade da Iniciação à Vida Cristã.

Esperamos que este documento seja assumido e que verdadeiramente haja um comprometimento de todos os fiéis – padres, diáconos e catequistas – na observância do que ele preceitua para as nossas comunidades.

Por fim, as Diretrizes devem ser periodicamente revistas, num esforço de partilha, num autêntico exercício de vivência harmônica no modo de sentir, pensar e agir em nossa catequese.

Invoco a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, padroeira da nossa Arquidiocese, e de São João Bosco, padroeiro secundário e educador, para que as Diretrizes para a Catequese produzam frutos apostólicos e missionários em nossa amada Igreja particular.

Brasília, 26 de novembro de 2023, Solenidade de Cristo Rei.

+ *Dom Paulo Cezar Costa*
Dom Paulo Cezar Costa
Cardeal Arcebispo de Brasília



LISTA DE ABREVIATURAS DOS DOCUMENTOS

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
AtM	<i>Antiquum Ministerium</i>
CIC	Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canônico)
CR	Catequese Renovada
CT	<i>Catechesi Tradendae</i>
DAp	Documento de Aparecida
DGC	Diretório Geral de Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DpC	Diretório para a Catequese
DPF	Diretório da Pastoral Familiar
DV	<i>Dei Verbum</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – HISTÓRIA DA CATEQUESE	7
Catequese, uma experiência que nasce junto com a Igreja	7
Marcos históricos	8
1ª fase – <i>A Igreja Primitiva e os cinco primeiros séculos (dos Apóstolos ao Século V)</i>	8
2ª fase – <i>Séculos V a XVI</i>	11
3ª fase – <i>Séculos XVI a XX</i>	12
4ª fase – <i>Contemporaneidade</i>	13
CAPÍTULO II – A PESSOA DO CATEQUISTA	16
Catequista, educador da fé	16
Ser discípulo	17
Qualidades do Catequista	18
<i>Qualidades do Ser do Catequista</i>	18
<i>Qualidades do Saber</i>	19
<i>Qualidades do Saber Fazer</i>	19
Crítérios para ser Catequista	20
CAPÍTULO III – FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO DA CATEQUESE	22
Importância da Formação	22
Dimensões da Formação	23
<i>Formação Pessoal e Comunitária</i>	24
<i>Formação da Espiritualidade</i>	24
<i>Formação Bíblico-Teológica</i>	24
<i>Formação Teológico-Doutrinal</i>	25
<i>Formação Litúrgica</i>	25
<i>Formação Ético-Moral</i>	25
<i>Formação Psicossocial</i>	26
<i>Formação Metodológica</i>	26
<i>Formação Pastoral-Missionária</i>	26
Itinerário formativo na Arquidiocese de Brasília	27
<i>Formação dos Catequistas em âmbito paroquial</i>	28
<i>Formação dos Catequistas em âmbito Arquidiocesano</i>	29
<i>Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC</i>	29
CAPÍTULO IV – COORDENAÇÃO DE CATEQUESE	31
Objetivos da Coordenação	31

Compromissos da Coordenação	32
<i>Características do Serviço da Coordenação</i>	32
CAPÍTULO V – MINISTÉRIO DA CATEQUESE	34
Crítérios para o Discernimento dos Catequistas que serão instituídos	35
<i>Catequistas já atuantes</i>	35
<i>Catequistas iniciantes</i>	35
CAPÍTULO VI – ESTRUTURA DA CATEQUESE NA ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA	37
Comissão Arquidiocesana de Catequese – CAC	37
<i>Coordenação da CAC</i>	37
<i>Coordenação de vicariato</i>	38
<i>Coordenação de setor</i>	39
<i>Coordenação de paróquia</i>	39
<i>Coordenação de etapa</i>	41
CAPÍTULO VII – PROCESSOS DE CATEQUESE	42
Catequese de Inspiração Catecumenal	43
Catequese “sacramental/doutrinal”	44
Catequese no âmbito familiar	45
Catequese do Bom Pastor	46
Catequese para Pessoas com Deficiência - PcD	47
Catequese nas Escolas Católicas	47
CONCLUSÃO	49
ANEXO I – IDENTIDADE VISUAL DA MARCA	50
Apresentação da marca Comissão Arquidiocesana de Catequese – CAC	50
Orientações quanto ao uso da marca ‘CAC’ à comunidade catequética	51
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS PARA CATEQUISTAS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

CAPITULO I – HISTÓRIA DA CATEQUESE

Catequese, uma experiência que nasce junto com a Igreja

A catequese é um fato central na vida e na história da Igreja desde o seu nascimento. A origem da catequese é o próprio Jesus Cristo. De acordo com relatos constantes do Evangelho de Mateus, a trajetória terrena de Cristo conclui-se com o envio missionário dos discípulos: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,19-20). Na ocasião, o Mestre deu um mandato, de natureza divina, aos seus seguidores. Esse mandato tornou-se a principal ação da Igreja nascente e o seu núcleo é, precisamente, a propagação da fé, definida por Jesus como o ensino do Evangelho a todas as nações, instruindo em tudo o que Ele prescreveu.

A Catequese é, assim, ensino da Palavra de Deus, especialmente do Evangelho do Messias. Existe um elemento fundamental dessa vivência que o difere de todas as outras formas conhecidas de aprendizado: a presença do próprio autor da mensagem e o encontro com sua Pessoa. Com efeito, Jesus Cristo assegurou estar presente entre os que viriam a aderir ao ensinamento dos discípulos. Assim, a Catequese leva ao encontro com o Senhor.

A catequese foi sempre considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo Ressuscitado, antes de voltar para junto do Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: fazer discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo aquilo que lhes tinha mandado. Confiava-lhes Cristo a missão e o poder de anunciar às pessoas aquilo que elas próprias tinham ouvido do Verbo da Vida, visto com os seus olhos, contemplado e tocado com as suas mãos. Ao mesmo tempo, confiava-lhes ainda a missão e o poder de explicar com autoridade aquilo que Ele lhes tinha ensinado, as suas palavras e os seus atos, os seus sinais e os seus mandamentos. E dava-lhes o Espírito Santo, para realizar tal missão.

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias.¹

¹ CT 1

Mais recentemente, no principal marco sobre a Catequese dos últimos séculos, a oficialização do ministério do Catequista, o Papa Francisco destacou quão antigo é o ministério de Catequista na Igreja. Os teólogos pensam, comumente, que se encontram os primeiros exemplos já nos escritos mais primitivos do Novo Testamento. A primeira forma, germinal, desse serviço do ensinamento estaria nos mestres mencionados pelo apóstolo Paulo ao escrever à comunidade de Corinto (Cf. 1Cor 12,28-31).

Francisco ainda enfatiza que a Catequese teve, desde sempre, os leigos como grandes protagonistas. Segundo a carta apostólica *Antiquum Ministerium*,

é possível reconhecer, dentro da grande tradição carismática do Novo Testamento, a presença concreta de batizados que exerceram o ministério de transmitir, de forma mais orgânica, permanente e associada com as várias circunstâncias da vida, o ensinamento dos apóstolos e dos evangelistas (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 8). A Igreja quis reconhecer este serviço como expressão concreta do carisma pessoal, que tanto favoreceu o exercício da sua missão evangelizadora. Olhar para a vida das primeiras comunidades cristãs, que se empenharam na difusão e progresso do Evangelho, estimula também hoje a Igreja a perceber quais possam ser as novas expressões para continuarmos a permanecer fiéis à Palavra do Senhor, a fim de fazer chegar o seu Evangelho a toda a criatura.²

Marcos históricos

A compreensão da Catequese na sua devida profundidade e significação para a Igreja e a humanidade necessita de algum conhecimento sobre a sua história, que sempre esteve em íntima sintonia com a difusão e edificação da Palavra de Deus e do seu Reino.

Algumas linhas históricas são aqui traçadas para favorecer o aprofundamento dessa caminhada.

1ª fase – A Igreja Primitiva e os cinco primeiros séculos (dos Apóstolos ao Século V)

O próprio surgimento dos Evangelhos no sentido de obra escrita e sistemática é um fato catequético. Nas primeiras décadas do cristianismo, o ensinamento do Evangelho foi realizado pelos apóstolos nas primeiras comunidades, a partir do contato direto com a pessoa histórica de Jesus Cristo.

² AtM 2

A pregação apostólica foi de início exclusivamente oral, já que os Apóstolos saíram por diversas regiões da Terra com o anúncio do Evangelho em forma de pregação, fiéis ao mandamento do Mestre, que disse “ide e ensinai” (Mt 28, 16), e não ide e escrevei.

Assim, no Período Apostólico (até o ano 70), a Igreja nascente não possuía ainda escritos próprios. Logo, porém, dois fatores exigiram dos Apóstolos e de seus primeiros seguidores o recurso à escrita: a multiplicação de comunidades em regiões muito distantes, graças, sobretudo, ao apostolado de São Paulo, e o aparecimento das heresias. Até então, valia mais a tradição oral do que a escrita. São Lucas dá disso testemunho: “Muitos empreenderam compor uma história dos acontecimentos que se realizaram entre nós, como no-los transmitiram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares e que se tornaram ministros da Palavra” (Lc 1,1-2).

O problema das heresias acabou por confirmar uma percepção que se mostrou evidente a partir do fim do primeiro século da era cristã: a necessidade de um texto completo da Palavra de Deus, para possibilitar uma efetiva e autêntica transmissão da mensagem de Cristo. Noutras palavras, o surgimento dos Evangelhos escritos – então chamados de ‘Memórias dos Apóstolos’ – e da própria Bíblia como tal, foi um fato histórico de natureza catequética, já que esse surgimento se deu para que o ensino da mensagem cristã – a catequese – pudesse ocorrer com fidelidade à sua fonte e com unidade entre todas as partes em que se dava.

Um dos pontos mais importantes, falando-se em Catequese, na origem da Igreja, foi a Didaqué, um dos primeiros escritos atribuídos aos cristãos da Igreja primitiva e que se constitui em uma compilação de normas relacionadas aos costumes da Igreja nascente. Didaqué (ou doutrina, instrução) é o nome do que poderíamos chamar de catecismo dos primeiros cristãos, escrito em fins do primeiro século, em grego. A Didaqué é também chamada Instrução dos Doze Apóstolos por ser um catecismo dos primeiros cristãos, que “perseveraram na doutrina dos apóstolos”³, e que nos permite conhecer como eram as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades. A Didaqué pertence ao meio judaico-cristão, e dirige seu ensinamento a comunidades formadas por convertidos vindos principalmente do paganismo.

Em um segundo momento, passado o tempo dos apóstolos, a Igreja viu-se ainda mais duramente perseguida. Nesse intervalo de tempo, quem desejava unir-se aos cristãos precisava pedir o batismo e professar a fé em Jesus Cristo. Esse contexto trouxe a necessidade de uma catequese ainda mais elaborada. Surge o catecumenato, um percurso catequético de três anos para o

³ At 2,42

ensinamento da fé, cuja responsabilidade era do catequista, que o fazia em nome da comunidade cristã.

Esse itinerário possuía fases e ritos e tinha como meta levar o catecúmeno à maturidade da fé, alcançada com a vivência dos três sacramentos que passariam a ser chamados de “iniciação cristã”: Batismo, Eucaristia e Crisma. Época em que a catequese era conduzida em íntima unidade com a comunidade, em seu seio, e a concretização da catequese se dava na vivência própria de comunidade.

Portanto, desde os primeiros tempos da Igreja, a figura do catequista ocupa papel de destacada relevância para a comunidade cristã, mormente para a sua continuidade e para o ardor da fé em Cristo Jesus e em seu Evangelho.

Na Igreja dos primeiros séculos, era imprescindível o papel da educação e, por consequência, da Catequese. Surgiram os Padres da Igreja (Patrística), que foram os grandes pensadores e professores cristãos dos séculos II a VII, “Padres da Igreja são chamados com razão aqueles santos que, com a força da fé, a profundidade e riqueza dos seus ensinamentos, durante os primeiros séculos a geraram e formaram”⁴. Através de suas cartas, suas apologias e outros escritos de natureza profundamente catequética, eles buscavam resguardar a fé dos primeiros cristãos. Eles os confortavam e preservavam a doutrina. As heresias surgiam e se multiplicavam, e os apologistas se empenhavam na árdua tarefa de combater tais absurdos.

A primeira fase assim considerada dos Padres da Igreja se deu já nas primeiras comunidades cristãs, até o ano 313. Pela proximidade com o período dos Apóstolos, esses Padres da Igreja recebem a denominação de Padres apostólicos. Seus escritos basearam-se diretamente na pregação dos Apóstolos. Alguns dos principais nomes dessa época são Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Justino Mártir, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Clemente de Alexandria e Orígenes.

Em seguida, tem-se o período compreendido entre o Concílio de Nicéia (325) e o Concílio de Calcedônia (451). Alguns historiadores definem essa fase como o século de ouro dos Padres da Igreja. O número dos cristãos cresceu muito, mas surgiram também heresias e divergências. Nesse contexto, os Padres da Igreja foram fundamentais para a defesa da fé e para o esclarecimento do conteúdo do cristianismo. Alguns dos principais nomes são Agostinho de Hipona, Hipólito, Gregório Taumaturgo, João Crisóstomo, Gregório de Nissa e Jerônimo. Suas obras são referências para a humanidade, não apenas no cenário religioso, e para pessoas de qualquer época.

⁴ Carta Apostólica *Patres Ecclesiae* do Sumo Pontífice João Paulo II. 1980. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1980/documents/hf_jp-ii_apl_02011980_patres-ecclesiae.html#_edn1>. Acesso em: 2 nov. 2023.

Há, ainda, um terceiro grupo, posterior, que vai até o século VI, formado por grandes nomes da fé que testemunharam problemas sérios no mundo ocidental, como o desmoronamento político do Império Romano, e ofereceram valioso conteúdo ao cristianismo. Aqui há nomes de enorme relevância, como Gregório Magno, Máximo, Ildefonso de Sevilha, João Damasceno, considerado o último representante da Patrística, nascido no século VII.

2ª fase – Séculos V a XVI

A partir do século IV, com a plena liberdade para o exercício do cristianismo na sociedade, houve a decadência do catecumenato da forma como antes se praticava.

Com o advento do período chamado de Crisandade, a aliança entre o poder civil e o poder eclesiástico trouxe grandes consequências ao processo da Iniciação à Vida Cristã. A maioria das pessoas tornou-se cristã, a catequese já não consistia tanto numa iniciação à vida de comunidade de fé, mas a sociedade inteira considerava-se da religião cristã⁵.

Apesar desse cenário, nesse período, muitos povos, especialmente na Europa como hoje a conhecemos, converteram-se ao cristianismo, como a França, a Polônia, parte da Alemanha, Bavária, Normandia e outros.

Por outro lado, houve o avanço do Islamismo e conflitos entre grupos cristãos e muçulmanos. Cite-se também o Cisma do Oriente, que dividiu o cristianismo e produziu a Igreja Ortodoxa Oriental.

Na Crisandade, ainda há outros fatores que contribuíram para o declínio do processo catecumenal: a catequese se fazia por um processo de imersão nessa sociedade, as pessoas buscavam os sacramentos, mas a experiência e a vida comunitária haviam enfraquecido. O aprendizado individual foi se acentuando e a catequese passou a se concentrar somente no aspecto da instrução.

Mesmo em uma conjuntura tão adversa, ocorreram fatos muito significativos nesse período, como o aparecimento de grandes santos, como São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão, São Bruno, São Bernardo de Claraval, São Boaventura, São Tomás de Aquino e muitos outros. Despontam as universidades, fenômeno gerado no seio da Igreja Católica.

No século XVI, ocorre o Concílio de Trento (1545-1563), reafirmando os dogmas cristãos em resposta à Reforma Protestante. O Concílio dá à catequese prioridade e dele surge o Catecismo Romano, inspiração para santos bispos e teólogos publicarem diversos outros catecismos tais como o de São Pedro Canísio, de São Carlos Borromeu, de São Turíblio de Mogrovejo e de São

⁵ Cf. CR 8

Roberto Belarmino. Os principais pilares dos catecismos dão-se no conhecimento da doutrina da fé, na instrução moral, na celebração dos sacramentos e nas orações cristãs.

A centralidade dos catecismos estava no conhecimento da doutrina da fé, na instrução moral, na celebração dos sacramentos e nas orações cristãs. Numa época de confusão doutrinal, a Igreja encontrou nos catecismos a maneira clara e pedagógica de apresentar os principais ministérios da fé cristã.

Nesse período, também, a Iniciação à Vida Cristã passa ser vista como uma preparação rápida para a recepção dos sacramentos. Quem pedia o batismo tinha uma formação sintetizada, muito mais breve e menos profunda do que o processo catecumenal. A caminhada catecumenal de três anos reduziu-se ao tempo quaresmal, com maior relevância a uma catequese intensiva sob a responsabilidade dos presbíteros e bispos, diminuindo assim, a importância dos ministérios dos leigos.

Com o surgimento das devoções aos santos, o povo passou a alimentar sua fé nas peregrinações, nas penitências, nas novenas e nas orações decoradas. O povo já não tinha mais acesso à Bíblia, que era proclamada somente nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares.

3ª fase – Séculos XVI a XX

Depois do Concílio de Trento, muitas mudanças aconteceram. Com o surgimento de uma nova comunidade, separada, com a Reforma Protestante, novas exigências vieram.

A Catequese assume um forte caráter de instrução, com enfoque individual e de conteúdo. Foram elementos desse período:

- Preocupação com a clareza e a exatidão das formulações doutrinárias, em razão das divisões ocorridas;
- Surgimento da imprensa e difusão das escolas, dando início aos catecismos escritos, com predominância didática em forma de perguntas e respostas para serem decoradas;
- Influência do Iluminismo, que defendia que se a inteligência humana estivesse devidamente instruída seria capaz de encontrar sozinha a solução para todos os problemas humanos.

Surge também o Humanismo, filosofia moral que não contribui com o adequado aprofundamento da fé, a não ser em algumas localidades onde nasceu o chamado humanismo cristão.

Outros cismas acontecem após o de Lutero, especialmente na Inglaterra.

A partir do século XVII, na chamada Era Moderna, vê-se o início da descristianização da sociedade. Alguns Estados monarquistas procuram afastar a influência da Igreja sobre a população. A partir da Revolução Francesa, em 1789, manifestam-se correntes políticas e morais conflitantes com o cristianismo, como o marxismo, o liberalismo, o modernismo.

Como resposta, São João Batista de La Salle funda ordem religiosa voltada para o ensino cristão; São Vicente de Paulo abre uma relevante estrada de caridade que se difunde pela Europa e pelo mundo.

É o advento de um novo racionalismo iluminista, que produzirá efeitos severos de conflito entre sociedade e cristianismo. Mais tarde, o Iluminismo, a partir de 1680, adotará uma posição de indiferença em relação à fé, Deus é afastado da consciência das pessoas. Com o Panteísmo, qualquer estrutura religiosa passa a ser criticada. Pensadores aclamados, como Voltaire, sugerem verdadeira aversão ao cristianismo.

Há algum tempo, já no século XIX, Santos como São João Maria Vianney, São João Bosco, Santo Antônio Maria Claret trazem novo ar ao cristianismo. Em 1869 acontece o Concílio do Vaticano I, que, entre outras implicações, consolida a relação entre fé e razão.

São lançadas as bases para a Doutrina Social da Igreja, assunto de enorme importância e forte impacto também na Catequese, já que a Doutrina Social passa a ser também conteúdo catequético.

No final do século XIX, percebe-se o desejo de renovar as estruturas da catequese e da transmissão da fé, com a restauração da filosofia cristã de São Tomás de Aquino, o que vem a partir da Encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII.

4ª fase – Contemporaneidade

No início do século XX, São Pio X encontrou na catequese a resposta ao declínio social e religioso da humanidade. Em sua encíclica *Acerbo Nimis*, de 1905, apontou que os catequistas são oradores sagrados, dignos de louvor, que se dedicam com sincero zelo à glória de Deus, tanto na defesa e manutenção da fé, como no louvor dos heróis do cristianismo.

No pensamento do Santo que abriu, como Papa, o século XX, a Catequese requer fadiga e meditação, o que de fato exige mais do que qualquer outro tipo de atividade na Igreja. Ele enfatizava que jamais seria possível para as crianças e o povo fazer uma catequese frutífera sem se preparar com muita reflexão.

Desde o início do século XX, portanto, o Papa São Pio X e os que o seguiram alertavam duramente para a necessidade de preparação dos catequistas e levantavam a voz para a centralidade da catequese na instrução dos fiéis, como resposta à crise cultural e religiosa da humanidade.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), mais importante evento da Igreja nos últimos séculos, deu substancial importância à catequese, como o comprova o fato de todas as suas quatro constituições – *Dei Verbum* (sobre a Palavra de Deus); *Lumen Gentium* (sobre a Igreja); *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo contemporâneo); e *Sacrossanctum Concilium* (sobre a renovação da Liturgia) – dialogarem, de algum modo, sobre a temática da catequese. Além disso, os Decretos Conciliares *Ad Gentes* (sobre a atividade missionária Igreja) e *Apostolicam Actuositatem* (sobre o Apostolado dos leigos) trouxeram relevante luz para o assunto, tratando mais especificamente sobre a catequese.

Além do já apontado, vale destacar que, no período pós-conciliar, foi fecundo o Magistério da Igreja sobre a catequese, com a publicação dos documentos: *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI (sobre a Evangelização no mundo contemporâneo – 1965); *Catechesi Tradendae*, de João Paulo II (sobre a catequese no mundo de hoje – 1979); *Christifideles Laici* (Exortação apostólica pós-sinodal de São João Paulo II – 1989); Diretório Geral para a Catequese, da Congregação para o Clero – 1997; *Verbum Domini*, de Bento XVI (sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja – 2010).

Ao todo, apenas no período de cerca de quarenta anos entre o fim do Concílio do Vaticano II e o fim da década de 1990 (1965-1996), a Igreja publicou 46 documentos oficiais sobre a catequese. Eles estão listados no Diretório Geral para a Catequese, na primeira parte, com o título DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO. Quase todos estão disponíveis gratuitamente e online em língua portuguesa.

Como se nota, o século XX, não obstante seus complexos processos de perda gradual da fé, especialmente no Ocidente, é também a fase em que se começou a redescobrir a catequese como processo permanente de educação da fé. Nessa constatação, a comunidade desponta novamente como o lugar ideal para a iniciação cristã. Outras fontes do saber humano nasceram ou floresceram em velocidade inédita no século XX e oferecem sua contribuição à Catequese, como a pedagogia e a psicologia.

No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi fundada em 1952 e, já na sua origem, destacou a Catequese, especialmente dos adultos, ressaltando a importância da criação de escolas catequéticas nas dioceses e outras formas de organização eclesial, além da inclusão do tema da Catequese nos seminários.

Em 1983, a CNBB lançou o documento Catequese Renovada, que por décadas foi o mais importante documento sobre o assunto no país e que foi premissa para o Diretório Nacional de Catequese (publicado em 2006). Evidencia-se como um de seus pontos essenciais a consideração da comunidade de fé como fonte, lugar e meta da catequese.

O Diretório Nacional de Catequese, segundo a conferência episcopal, veio para “apresentar a natureza e a finalidade da catequese, traçar os critérios de ação catequética, orientar, coordenar e estimular a atividade catequética nas diversas regiões”⁶. O documento trouxe princípios bíblico-teológicos para promover e impulsionar a renovação da mentalidade catequética; orientar o planejamento e a realização da atividade catequética; coordenar as diversas iniciativas catequéticas; estimular e articular a ação catequética com as outras dimensões pastorais.

Em 2021, foi publicado *Antiquum Ministerium*, Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio*, do Sumo Pontífice Francisco, por meio da qual se institui o ministério de Catequista.

Quase cinquenta anos antes, Paulo VI, na Carta Apostólica *Ministeria quaedam* (1972), já havia solicitado às Conferências Episcopais para promoverem o ministério do Catequista, junto ao do exorcista e do ostiário na *Evangelii Nuntiandi* (1975), afirmando que os catequistas, como ministros da Igreja, “são preciosos para a implantação, a vida e o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes”⁷.

Ao instituir o ministério do Catequista, o Papa Francisco lança a pergunta: por que um ministério instituído, ou seja, oficializado pela Igreja e reconhecido como um serviço próprio e essencial na vida da Igreja? A que o próprio Papa responde:

“Receber um ministério laical como o de Catequista imprime uma acentuação maior ao empenho missionário típico de cada um dos batizados que, no entanto, deve ser desempenhado de forma plenamente secular, sem cair em qualquer tentativa de clericalização”.⁸

Com a oficialização do ministério do Catequista, que passa a ser instituído, a Igreja espera ainda mais cooperação entre os Catequistas e os ministros ordenados, além de ressaltar que os catequistas possuem considerável papel como partícipes da edificação da vida humana e das comunidades.

⁶ DNC 7

⁷ EN 73

⁸ AtM 7

CAPÍTULO II – A PESSOA DO CATEQUISTA

Catequista, educador da fé

Apenas o encontro pessoal e comunitário com Jesus pode gerar discípulos missionários. Homens e mulheres são protagonistas de vida nova, suscitada a partir da vivência diária com Cristo, que se faz presente na história do povo.

É necessário “recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude da vocação humana e de seu sentido”⁹.

Assim, revela-se a complexidade da vocação e da missão do catequista, aquele que tem um coração eclesial, que acolhe a Palavra e fielmente transmite o que recebeu.

O catequista precisa reconhecer-se chamado por Cristo, para estar com Ele, para ser seu discípulo, para experimentar a graça do envio, para sair a anunciar, para recomeçar a cada dia sempre a partir do Senhor e assim proporcionar um encontro pessoal, de cada irmão, com um acontecimento, com uma Pessoa, Cristo, nossa Páscoa.

No encerramento do Congresso Internacional de Catequese, em Roma, em 2013, o Papa Francisco reafirmou a necessidade de o catequista se sentir e se fazer primeiro discípulo, para depois se tornar missionário; nesta ocasião um dos pontos ressaltados por ele foi o seguinte:

Recomeçar de Cristo significa imitá-Lo na saída de Si mesmo para ir ao encontro do outro. Trata-se de uma experiência maravilhosa, embora um pouco paradoxal. Porquê? Porque, quem coloca Cristo no centro da sua vida, descentraliza-se! Quanto mais te unes a Jesus e Ele Se torna o centro da tua vida, tanto mais Ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros. Este é o verdadeiro dinamismo do amor, este é o movimento do próprio Deus! Sem deixar de ser o centro, Deus é sempre dom de Si, relação, vida que se comunica... E assim nos tornamos também nós, se permanecermos unidos a Cristo, porque Ele faz-nos entrar neste dinamismo do amor. Onde há verdadeira vida em Cristo, há abertura ao outro, há saída de si mesmo para ir ao encontro do outro no nome de Cristo. E o trabalho do catequista é este: por amor, sair continuamente de si mesmo para testemunhar Jesus e falar de Jesus, anunciar Jesus. Isto é importante, porque é obra do Senhor: é precisamente o Senhor que nos impele a sair.¹⁰

⁹ DAp 41

¹⁰ Discurso do Papa Francisco aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do ano da fé e do congresso internacional de catequese. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

Ser discípulo

O convite diário feito por Jesus a cada catequista é o de reencontrar-se com Ele, de renovar o compromisso de ser discípulo seu, de colocar os passos sobre as suas pegadas e ir ao povo, de assumir a sua vocação para o amor, vocação que nasce alicerçada na Santíssima Trindade, gerada no coração do Pai, realizada no seguimento de Jesus Cristo e impulsionada pelo Espírito Santo.

O Documento de Aparecida afirma:

Discípulo é aquele que, tendo respondido a este chamado, o segue passo a passo pelos caminhos do Evangelho. No seguimento, ouvimos e vemos o acontecer do Reino de Deus, a conversão de cada pessoa, ponto de partida para a transformação da sociedade e se abrem para nós os caminhos da vida eterna. Na escola de Jesus aprendemos uma “vida nova”, dinamizada pelo Espírito Santo e refletida nos valores do Reino.¹¹

Este reencontro só pode ocorrer quando há uma adesão clara por Jesus e pelo seu Evangelho, coerência entre a fé e a vida, vivência de comunidade e disposição para sair em missão.

Como educador da fé, o catequista utiliza a pedagogia do Mestre para anunciar o Reino de Deus, testemunhar a fé junto aos catequizandos e à comunidade. Fala em nome da Igreja e é reconhecido por ela.

O Diretório Nacional de Catequese afirma:

A catequese consolida a vida da comunidade. Por isso, a Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de a organizar melhor e de formar, para a mesma, pessoas qualificadas.¹²

A sociedade contemporânea submete o cidadão a relações efêmeras, descartáveis, transitórias. Vivemos tempo de mudanças rápidas e radicais. É neste contexto, de profunda confusão social, mental e emocional, que o catequista é interpelado a refletir e a buscar romper o seu pragmatismo catequético, sendo diariamente impulsionado à renovação de sua prática, na tentativa de responder aos desafios de um novo tempo.

¹¹ Mensagem da V Conferência aos povos da América Latina. 2007. Disponível em: <https://www.pucsp.br/fecultura/textos/v_celam/mensagem_conferencia.html>. Acesso em: 14 mar. 2023.

¹² DNC 235

Esse rompimento só será possível se o catequista se centrar em Cristo. Quanto mais Cristo é o centro da vida e da prática catequética, mais o catequista se descentraliza de si mesmo, pois busca imitar o exemplo do Bom Mestre concretamente, indo à procura das pessoas em suas situações concretas. Isso exige do catequista conversão progressiva, com o objetivo de assumir com qualidade, a missão que Cristo deixou para sua Igreja: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

A partir disso, o catequista é uma pessoa que vive uma experiência pessoal com Cristo e continua aprofundando sua intimidade com Ele, não só nos momentos de oração e retiro, mas em cada momento de sua vida.

O catequista é:

- Uma pessoa que testemunha sua fé, procurando ser sal da terra e luz do mundo¹³ dentro da Igreja e fora dela também, unindo sua fé à sua vida.
- Uma pessoa que participa ativamente da vida da comunidade e que ajuda a formá-la. Conhece sua história e seus anseios e junto celebra as conquistas e vitórias do seu povo.
- Uma pessoa sensível que descobre o rosto de Deus nas pessoas, nos pobres e sofredores e nos gestos de justiça, mantendo o coração aberto para acolher as necessidades e ajudar a transformar a realidade.
- Uma pessoa com atitude de amor que constrói comunhão. “A obra da evangelização pressupõe no evangelizador um amor fraterno, sempre crescente, para com aqueles a quem ele evangeliza”¹⁴.

Qualidades do Catequista

Recomeçar em Cristo requer disposição para construir e reconstruir todos os dias nossa prática catequética, buscando desenvolver as dimensões do ser, do saber e do saber fazer. O Diretório Nacional de Catequese afirma: “o perfil do catequista é um ideal a ser conquistado, olhando para Jesus, modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Sendo fiel a esse modelo, é importante desenvolver as diversas dimensões: ser, saber, saber fazer em comunidade”¹⁵.

Qualidades do Ser do Catequista

- Ser pessoa de oração, de intimidade com o Mestre, e também de leitura e meditação diária da Palavra de Deus;¹⁶

¹³ Cf. Mt 5,13-14

¹⁴ EN 79

¹⁵ DNC 261

¹⁶ DNC 264

- Ser porta-voz da Igreja, que anuncia o que a Igreja diz e não o que ele acha;
- Ser pessoa com equilíbrio psicológico e maturidade humana, capaz de relacionar-se e dialogar com o grupo de catequistas, catequizandos e demais envolvidos no processo catequético, criando comunhão;¹⁷
- Ser responsável, perseverante, constante e pontual;
- Ter espírito crítico para analisar as situações cotidianas buscando o bem-estar comum;
- Ser pessoa que busca, constantemente, cultivar sua formação;
- Ser pessoa de fé autêntica, de assídua participação nos sacramentos e que anseia crescer em santidade;
- Ter criatividade e iniciativa, ser capaz de escutar, dialogar e trabalhar em equipe, promovendo o bom relacionamento entre as pessoas para que haja ajuda mútua.

Qualidades do Saber

- Ter conhecimento da Palavra de Deus, dos Documentos da Igreja e das orientações gerais da ação evangelizadora da Igreja, no Brasil em Brasília;
- Ter conhecimento da pluralidade cultural, das mudanças sociais e das realidades que a cercam, de forma a iluminá-la com o Evangelho;
- Ter conhecimento da pluralidade religiosa para saber viver o ecumenismo e o diálogo inter-religioso;
- Ter conhecimento básico das ciências humanas, sobretudo pedagógicas.

Qualidades do Saber Fazer

- Como educador, conduz o grupo de catequizandos para desenvolvimento de várias potencialidades levando-os a um amadurecimento da fé;
- Conhece seus interlocutores para efetivamente comunicar-se com eles e utiliza os meios de comunicação disponíveis;
- Busca integração de elementos da pedagogia para melhor aplicação da sua prática catequética;
- Conhece a pedagogia da fé e o método ver-iluminar-agir-celebrar-rever;
- Faz sua programação em unidade com as demais etapas da catequese e com a programação da paróquia e da arquidiocese.

Se atendemos ao chamado feito por Deus, vamos nos deixando impregnar do próprio Cristo e recebemos a graça fortalecedora para viver o nosso 'ser

¹⁷ DNC 263

catequista' de modo mais próximo ao ideal apresentado; criamos concomitantemente a identidade do 'ser catequista' que se fundamenta no chamado por Deus, na vida de fé que vive e transmite, na maturidade humana e cristã, na participação da missão da Igreja a serviço das pessoas.

Crítérios para ser Catequista

O Papa Francisco exorta que ser catequista é uma vocação em que é preciso, antes de tudo, dar testemunho, pois “ser catequista significa dar testemunho da fé; ser coerente na própria vida. E isto não é fácil. Não é fácil! Nós ajudamos, guiamos para chegarem ao encontro com Jesus através das palavras e da vida, através do testemunho”¹⁸.

Em virtude da importância do catequista na vida da Igreja, é fundamental que se definam critérios para a sua escolha.

Sendo assim e, respondendo aos anseios de nossos padres, catequistas e das comunidades paroquiais, a Arquidiocese de Brasília estabelece os seguintes critérios:

- a) Ser convidado e entrevistado pelo pároco para que o futuro catequista saiba que não estará sozinho e que sua missão está interligada à missão do pastor.
- b) Ter recebido os sacramentos de iniciação cristã: Batismo, Eucaristia e Crisma.
- c) Ser maduro na fé, com experiência mínima de 2 anos de atuação na catequese, ou a critério do Padre, levando em consideração a realidade pastoral.
- d) Ter vida sacramental e litúrgica, testemunhando, desta forma, a sua pertença e participação na comunidade.
- e) Colocar a catequese como prioridade, pois assim, não deixará de participar das reuniões, das formações, dos eventos e dos retiros.
- f) Comprometer-se em aprimorar a sua formação na Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC.
- g) Se constituiu família, que tenha recebido o sacramento do matrimônio.
- h) Ter disponibilidade de tempo para participar das atividades da catequese, fazendo uma programação que priorize a formação, a preparação dos encontros catequéticos, a participação em reuniões e em celebrações litúrgicas.

¹⁸ Discurso do Papa Francisco aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti.html>. Acesso em: 14 mar. 2023.

- i) Cultivar o espírito de obediência e respeito às diretrizes referentes à catequese, tanto em âmbito da Igreja Universal, quanto da Igreja Particular.

Sabendo da necessidade de catequistas e entendendo que é preciso trabalhar a vocação, às vezes, despertada ainda na preparação para o sacramento da crisma, a Arquidiocese definiu alguns critérios para a admissão dos novos catequistas em formação:

- a) Tenha recebido o sacramento da crisma.
- b) Seja acompanhado, formado e orientado por um catequista experiente e também pela coordenação geral da catequese da paróquia.
- c) O catequista em formação não deverá dar encontro sem o acompanhamento de um catequista experiente.
- d) Ser encaminhado para a Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC.
- e) Não esquecer de observar os critérios para ser catequista quando assumir como catequista.

CAPÍTULO III – FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO DA CATEQUESE

Importância da Formação

São inúmeras as dificuldades e deficiências encontradas na formação da catequese, tornando-se imprescindível “formar catequistas que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo ‘tarefas de iniciação, de educação e de ensino’”¹⁹.

Todavia, antes de tratar especificamente sobre a formação para o serviço da catequese, é necessário considerar algumas premissas que a embasam:

- a) A catequese não se define apenas como preparação para os sacramentos, e deve ser entendida em relação à experiência litúrgica²⁰ e à evangelização, na medida que “destina-se a toda a comunidade cristã para sustentar o compromisso missionário da evangelização”²¹;
- b) A catequese passou a ser missão de toda a comunidade (diocesana, paróquial, de base, familiar, etc.) e não só de um ou outro catequista isoladamente;
- c) A catequese amplia seu raio de abrangência, não se restringindo apenas às crianças mas alcançando os adolescentes, jovens e adultos, além de grupos diferenciados, como pessoas com deficiências²² e pessoas marginalizadas²³.

Nesse contexto, a formação para os catequistas não pode ser meramente doutrinal, mas deve levá-lo a saber animar a caminhada catequética na qual, por meio das diversas etapas, anuncie Jesus Cristo, promova o conhecimento de sua vida, explique o mistério do Filho de Deus feito homem, ajude o catequizando a identificar-se e encontrar-se com Jesus Cristo através da comunidade, da fé da Igreja, da liturgia, dos sacramentos, da Sagrada Escritura, da oração pessoal e comunitária e, de modo especial, com os pobres, aflitos e enfermos²⁴.

Para essa tarefa, devem ser formados catequistas dotados de uma profunda fé, de uma clara identidade cristã e eclesial, possuidores de fina preocupação missionária e de profunda sensibilidade social²⁵. Catequistas que sejam, ao mesmo tempo, comunicadores e transmissores do Evangelho e fiéis discípulos de Jesus Cristo, afinal, a “formação catequética é um longo caminho

¹⁹ DpC 135

²⁰ Cf. DpC 96

²¹ Cf. DpC 73

²² Cf. DpC 269-272

²³ Cf. DpC 279-282

²⁴ Cf. DAp 246-257

²⁵ Cf. DGC 237

a ser percorrido, através de conhecimentos, de práticas iluminadas pela reflexão bíblico-teológica e metodológica”²⁶. O processo formativo precisa, primeiramente, propiciar o crescimento e o amadurecimento na fé para os próprios catequistas, para, posteriormente, prepará-los para que possam desenvolver as tarefas de iniciação, de educação e de ensino e que tenham condições de serem autênticos mistagogos.

Portanto, o catequista precisa estar em contínua e permanente formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, independentemente do seu tempo de atuação como catequista, para que possa ser solícito comunicador da verdade da fé, conforme afirma o Papa Francisco em sua Carta Apostólica *Antiquum Ministerium* (2021).

A partir do reconhecimento do Ministério de Catequista pela igreja, coube às Conferências Episcopais estabelecer o processo formativo necessário e os critérios normativos para a realização da instituição do Ministério de Catequista. Assim sendo, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, publicou “Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista” (2021), cujas orientações devem ser enriquecidas com a experiência de catequistas. O aludido documento contempla, inclusive, proposta²⁷ de formação para os atuais catequistas, bem como para aqueles que o desejam ser.

Na citada publicação, seguindo as recomendações do Diretório para a Catequese, a Comissão Episcopal sugere promover uma formação de inspiração catecumenal; global e integral, ou seja, “não somente desenvolver a capacidade didática, metodológica e técnica do catequista, mas principalmente sua vivência pessoal e o desenvolvimento de sua maturidade humana e comunitária, além do seu compromisso com a transformação do mundo”; formação de sujeitos eclesiais; formação experiencial; formação para o mundo digital; priorização da formação bíblica; atenção à Doutrina Social da Igreja; inserir a formação sobre as dimensões socioambientais da fé cristã, sobretudo a partir da Encíclica *Laudato Si’* sobre o cuidado da casa comum, publicada pelo Papa Francisco em 2015, em que a Igreja compreende que o amor a Deus e ao próximo necessariamente deve incluir o amor à natureza como criação e, portanto, como Palavra de Deus. Por consequência, a catequese, como um dos âmbitos educativos, deve incluir a educação ambiental.

Dimensões da Formação

Em conformidade com o Ministério de Catequista, Estudos da CNBB nº 95, e considerando que “a formação deve ter o cuidado de não somente de-

²⁶ DNC 256

²⁷ Cf. AtM, n.9

envolver a capacitação didática e técnica, mas principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo”²⁸, o processo formativo dos catequistas deve considerar uma diversidade de dimensões.

Formação Pessoal e Comunitária

Esta dimensão deve ajudar o catequista a amadurecer como pessoa, como fiel, como discípulo missionário, desenvolvendo a formação humana que inclui o equilíbrio emocional, a educação da afetividade, a valorização de si mesmo e dos outros.

A formação deve ajudar o catequista a aprofundar, viver e anunciar o Evangelho numa dimensão comunitária, a tomar consciência da própria missão batismal e crismal e a ser membro responsável da comunidade cristã.

Formação da Espiritualidade

A missão do catequista exige intensa vida sacramental, espiritual e de oração, sentido profundo da excelência da mensagem cristã, atitude de caridade, humildade e prudência. A formação espiritual é “a dimensão formativa que funda o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e que o conduz pelo Espírito através dos caminhos de profundo amadurecimento”²⁹.

O cultivo da espiritualidade do catequista é um processo permanente que anima os diversos elementos de sua ação, influencia as suas opções metodológicas e provoca a interação fé e vida. O processo é permanente porque tem caráter de experiência, sendo determinante o encontro vivo com Cristo, em que, de modo progressivo, a vida se transforma pelos seus santos mistérios³⁰. Afinal, isso é o que se chama de “catequese mistagógica”.

Nutre-se da Palavra, da vida de oração, da Eucaristia e da devoção mariana. Falará mais pelo exemplo do que pelas palavras que profere. A verdadeira formação alimenta a espiritualidade do próprio catequista, de maneira que sua ação nasça do testemunho de sua própria vida.³¹

Formação Bíblico-Teológica

A Sagrada Escritura deve estar no centro do ensinamento catequético, afinal, a “atividade catequética implica sempre abeirar-se das Escrituras na fé e na Tradição da Igreja, de modo que aquelas palavras sejam sentidas vivas,

²⁸ CR 150

²⁹ DAp 280,b

³⁰ Cf. DAp 290

³¹ DNC 264

como Cristo está vivo hoje onde duas ou três pessoas se reúnem em seu nome (Cf. Mt 18,20)”³².

A formação do catequista deve optar por uma abordagem pastoral e catequética da Sagrada Escritura que promova:

- a) Ver a vida com os olhos da Bíblia e a Bíblia com os olhos da vida.
- b) Ler a Bíblia em comunidade, pois “o texto sagrado deve-se abordar sempre na comunhão eclesial”³³.
- c) Ler a Bíblia conforme a fé da Igreja.
- d) Fazer uma leitura orante da Bíblia (*lectio divina*).
- e) Utilizar os resultados da ciência bíblica, aprofundando o sentido dos textos e não instrumentalizando-a com leituras moralistas, fundamentalistas e opressoras.

Formação Teológico-Doutrinal

A formação teológico-doutrinal deve fornecer ao catequista os conhecimentos indispensáveis para uma fé adulta e amadurecida, tornando-o capaz de transmitir as verdades doutrinárias de modo acessível; deve girar em torno dos temas fundamentais da mensagem cristã, tendo no centro o mistério de Cristo.

O conteúdo dessa formação deve passar pelas etapas da história da salvação (Primeiro Testamento, vida de Jesus Cristo e história da Igreja) e pelos grandes núcleos da mensagem cristã que se encontram no Catecismo da Igreja Católica tais como: símbolo, liturgia, vida moral e oração³⁴.

Formação Litúrgica

A liturgia como celebração da fé deve se constituir em um ponto alto da educação da fé e da formação dos catequistas. A catequese deve conduzir à liturgia, pois introduz “no significado e participação ativa, interna e externa, consciente, plena e frutuosa dos mistérios (sacramentos), celebrações, sinais, símbolos, ritos, orações e outras formas litúrgicas”³⁵, e ao mesmo tempo a liturgia torna-se catequese, pois proporciona o crescimento na fé.

A liturgia não sobrevive e não se renova sem a catequese. Por sua vez, a catequese renova-se e subsiste tendo como fonte e convergência a liturgia.

Formação Ético-Moral

A maturidade da fé comporta maturação moral: superar a atitude de

³² VD 74

³³ VD 86

³⁴ Cf. DpC 144

³⁵ DNC 53,b

mero cumprimento de leis e normas para atingir a maturidade de quem age por adesão interior de valores, com a espontaneidade do amor.

Viver a dimensão moral significa um constante processo de conversão, é revestir-se do ‘homem novo’, agindo em comunidade, engajando-se numa atuação na perspectiva do Reino de Deus.

A catequese deve ministrar boa formação para a vida moral assumida como seguimento de Jesus Cristo, acentuando-se a vivência das bem-aventuranças e dos mandamentos, entendidos e praticados à luz do Evangelho³⁶.

Formação Psicossocial

É necessário que o catequista entre em contato com alguns elementos fundamentais da psicologia a fim de que se compreendam as motivações humanas, a estrutura da personalidade, as etapas do ciclo vital humano, bem como se faça uma análise das condições sociais, culturais e econômicas nas quais se insere o catequizando³⁷, pois a “tomada de consciência da situação existencial, psicológica, cultural e social do homem se obtém com os olhos voltados para a fé na qual se deve educá-lo”³⁸.

Formação Metodológica

Esta formação procurará fazer amadurecer no catequista a capacidade educativa, desenvolver sua finalidade de mediador “que facilita a inserção dos novos discípulos de Cristo no seu Corpo eclesial”³⁹. Isso implica a habilidade de ter atenção às pessoas, para interpretar as perguntas e responder a elas, a iniciativa para ativar processos de aprendizagem, para planejar a ação catequética e para conduzir um grupo humano à maturidade.

Formação Pastoral-Missionária

Busca suscitar no catequista a percepção da realidade em que ele e seus interlocutores vivem, sendo capaz de depreender suas características e suas necessidades, pois a mensagem evangélica deve ser adaptada a todas as culturas, idades, maturidade espiritual, situações sociais e eclesiais.

Partindo dessa capacidade de distinção e movido pela alegria vinda do conhecimento de Cristo, o catequista é impelido à missão de formar discípulos missionários para o serviço à comunidade e ao mundo, além de atuar transformando sua realidade.

³⁶ Cf. DNC 53,c

³⁷ Cf. DpC 18o

³⁸ DGC 243

³⁹ DpC 112

As dimensões da formação dos catequistas não devem ser consideradas independentes umas das outras, mas sim profundamente correlacionadas, sendo aspectos da unidade indivisível da pessoa. Para um crescimento harmonioso da pessoa do catequista, é correto que a atividade formativa tenha o cuidado de não privilegiar uma dimensão em relação a outra, mas sim de buscar promover um desenvolvimento equilibrado, intervindo nos aspectos que se apresentam com mais lacunas.⁴⁰

Itinerário formativo na Arquidiocese de Brasília

Recentemente, o Papa Francisco premiou a Igreja com a Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium* (2021).

Uma espécie de coroamento de um caminho de prática e de reflexão sobre a catequese, suscitado pelo Concílio Vaticano II. Nela, ganha destaque a proposta de retorno às fontes, buscando, no catecumenato dos primeiros séculos, elementos basilares que proporcionem a mudança de uma catequese vista apenas como transmissora de conteúdos de fé, para uma catequese querigmática, mistagógica e bíblica e, assim, com uma intrínseca relação com a liturgia.⁴¹

Nesse sentido, verifica-se a necessidade do estabelecimento de um itinerário formativo para os catequistas, tanto para aqueles já atuantes quanto para os iniciantes, os quais desejam receber o Ministério de Catequista, de acordo com os Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB.

A formação de catequistas, na Arquidiocese de Brasília, está organizada em dois âmbitos, Paroquial e Arquidiocesano.

A paróquia, que é o lugar privilegiado da catequese⁴², deve também proporcionar a formação de seus próprios catequistas. Antes de tudo, é dever do pároco, como pastor de almas, providenciar essa formação⁴³. Essa formação seja exigida a todos os catequistas, quer seja como uma formação de base, inicial aos novos catequistas, quer seja como uma formação permanente, que constitui uma necessidade fundamental a todo o povo de Deus.

Essas formações sejam sempre integradas à formação da Arquidiocese-

⁴⁰ DpC 137

⁴¹ CNBB. Critérios e Itinerário para a Instituição do Ministério de Catequista, 1

⁴² Cf. CT 67

⁴³ Cf. Cân. 773-780

se, tanto através da Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC, quanto pelas Semanas Catequéticas e Retiros promovidos pela Comissão Arquidiocesana de Catequese (CAC).

Formação dos Catequistas em âmbito paroquial

- *Formação de base:* Constitui a formação inicial ao novo catequista, devendo ser sistemática, garantindo um quadro de conjunto geral⁴⁴. Essa formação deve compor as seguintes dimensões:
 - a mensagem cristã (história da salvação; história da Igreja; o Símbolo da fé; a liturgia e os sacramentos; a vida moral e a oração)⁴⁵;
 - o conhecimento da pessoa (os dinamismos psicológicos que movem a pessoa; a estrutura da personalidade; as necessidades e aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia religiosa e as experiências que abrem o homem ao mistério do sagrado)⁴⁶;
 - o contexto sociocultural (condições sociológicas, culturais e econômicas)⁴⁷;
 - a pedagogia da fé (promover a síntese entre a plena adesão do homem a Deus e os conteúdos da mensagem cristã; desenvolver as dimensões da fé: fé conhecida, celebrada, vivida e rezada; impulsionar a pessoa a se entregar livre e totalmente a Deus pela: inteligência, vontade, coração e memória; ajudar a pessoa a distinguir a vocação à qual o Senhor a chama)⁴⁸.
- *Formação permanente:* Cursos de atualização e aprofundamento com o intuito de rever e aprimorar as atividades catequéticas, bem como promover a interação entre os catequistas. Contemplam as dimensões do ser (promovendo o seu amadurecimento como pessoa humana e cristã), do saber (que leva o catequista a conhecer a mensagem que transmite, bem como o seu interlocutor e seu contexto social) e do saber fazer (implicando questões pedagógicas e metodológicas).
- *Planejamentos:* Devem ser trabalhados como uma miniformação do tema e preparação para os encontros.
- *Retiros espirituais:* Levar os catequistas a crescerem na vida de oração e assumirem uma espiritualidade de identificação com Jesus Cristo.

⁴⁴ Cf. DpC 154

⁴⁵ Cf. DGC 115

⁴⁶ Cf. DGC 242

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ Cf. DGC 144

Formação dos Catequistas em âmbito Arquidiocesano

A Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC – parte integrante da CAC tem por objetivo a formação dos catequistas e coordenadores de catequese da Arquidiocese, de modo integral e contínuo, buscando atender às demandas dos catequistas e em observância às indicações e orientações da Arquidiocese a esse respeito.

É de responsabilidade da CAC:

- *Formação de Coordenadores de Catequese:* a partir da montagem de calendários, organização do espaço, convite ao formador, inscrição dos interessados para participação e indicação de temas, cuja escolha se dá por meio de voto, ouvindo os coordenadores e suas demandas (ou por escolha e indicação da própria Comissão, se assim ela o entender), com a finalidade de rever e atualizar temas pertinentes à catequese, bem como ser espaço de partilha e comunhão para os coordenadores paroquiais, de setor e vicariatos. Essas formações acontecem até 4 vezes no ano, preferencialmente, na Cúria Metropolitana de Brasília.
- *Retiros Espirituais:* assistir os coordenadores paroquiais, de setor e vicariatos, a manterem-se e aprofundarem-se na vida de oração, almejando uma plena identificação com Jesus Cristo.
- *Formação Catequética:* formação realizada uma vez no início do ano, com estudo de tema específico, buscando embasar-se em documento atual. É de responsabilidade da CAC indicar o tema norteador da formação e a carga horária adequada. E, quanto à pessoa do formador, a CAC, em princípio, deverá ser informada para dar o devido aval, podendo ela, inclusive, disponibilizar uma lista de seu banco de formadores a quem o solicitar.

Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC

A Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC tem por missão formar catequistas e coordenadores de catequese conscientes de sua vocação e sua missão, competentes nas diversas dimensões, – ser, saber, saber fazer – a fim de que possam dinamizar a ação catequética em suas comunidades.

A EAC, atualmente, funciona em unidades localizadas em alguns de seus Vicariatos, e em 3 níveis: nível I ou básico, nível II ou intermediário e nível III ou avançado. Vale salientar que cada nível tem duração de 120h/aula:

- O nível I, ou básico, pretende formar os catequistas e agentes de pastoral de uma maneira geral.
- O nível II, ou intermediário, visa o atendimento formativo de coordenadores.
- O nível III, ou avançado, visa a formação de pessoas para assumirem a

catequese de forma madura, conhecendo, por meio de análise, reflexão e discussão o Magistério da Igreja, seus documentos, aprimorando-se em seu conhecimento teórico-prático.

Desta forma, a EAC tem por tempo total 360h/aula de formação catequética, distribuídas nos 3 níveis, conforme projeto da EAC, acrescidos de 140h/aula para formações voltadas para a Iniciação à Vida Cristã (IVC).

É importante destacar que o nível básico é pré-requisito para o nível intermediário, e estes dois são pré-requisitos para o nível avançado.

Caberá também à EAC preparar-se e estruturar-se para atender às demandas relativas ao Ministério do Catequista, no que diz respeito à sua formação, conforme já explicitado neste documento, sempre em consonância com o que determina e orienta a Arquidiocese de Brasília.

A FATEO (Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília) apresenta-se como uma opção de formação, em nível de extensão, para os catequistas que almejam aprimorar seus conhecimentos, tornando-os mais preparados para a missão catequética. A CAC e a FATEO desenvolverão projeto conjunto visando atendê-los integralmente.

CAPÍTULO IV – COORDENAÇÃO DE CATEQUESE

Deus, ao revelar seu plano de amor e salvação, o faz sempre de maneira nova e criativa em cada momento da história. Ele faz novas todas as coisas, estabelece uma nova aliança, propondo um coração e um espírito novo. Ensina que vinho novo deve ser colocado em odres novos, assim como peça nova em roupa nova (Cf. Mc 2,21-22). Dá um novo mandamento (Cf. Jo 13,34). Jesus nos torna gente nova.

A catequese não pode ser uma simples iniciativa baseada na boa vontade e na improvisação. Há necessidade de buscar novos rumos para a organização da catequese, a formação e animação dos catequistas. Surge assim a missão da coordenação em conjunto.

Coordenação vem da palavra *co-ordinatio*, que significa: ordenação em conjunto, organizar o conjunto, pôr em ordem o desconjunto. A coordenação é uma cooperação, uma ação de corresponsabilidade entre iguais. É uma maneira de fazer acontecer o que nos disse Jesus: “Para que todos sejam um” (Jo 17,21).

Coordenação não é posto ou cargo ao qual se é promovido, mas um serviço, uma espiritualidade, um modo de servir, de ser e de testemunhar, uma missão.

Coordenador não é quem trabalha por dez, mas é aquele que ajuda os dez a trabalharem melhor, de forma eficiente, num clima de partilha, oração e respeito mútuo.

A coordenação é um serviço que suscita e integra as forças vivas da catequese (bispos, padres, diáconos, catequistas, pais, catequizandos, pastorais afins e comunidade) através de ações concretas em vista do crescimento e da educação da fé para todos os cristãos. É serviço de animação. É manter viva a caminhada da catequese em sintonia com as opções arquidiocesanas, paroquiais, e segundo as exigências de uma catequese renovada.

A coordenação deve ser exercida com alegria, como uma fonte de espiritualidade, como um serviço em prol do Reino: animando os catequistas, abrindo novos horizontes, atualizando-se continuamente, estando em sintonia com as orientações arquidiocesanas, criando um clima de acolhida, partilha e confiança.

Objetivos da Coordenação

É um serviço em benefício do crescimento das pessoas e da comunidade, que se expressa pela partilha, pela descentralização, pelo trabalho em equipe, criando relações fraternas, sinalizadoras de um novo modo de viver que brota do Evangelho⁴⁹. “Coordenar é missão de pastor” (Jo 10,1-10).

⁴⁹ Cf. DNC 318

Compromissos da Coordenação

O catequista que exerce a coordenação deve buscar integrar pessoas para o serviço da catequese na comunidade, suscitando a formação de equipes de coordenação para que o trabalho seja participativo e comprometido.

Para se realizar um bom trabalho é necessário que a equipe de coordenação:

- Elabore um programa/projeto adequado às necessidades dos catequistas.
- Ajude os catequistas a integrar a catequese com as outras pastorais.
- Realize encontros de formação: estudos, aprofundamento, retiros e celebrações.
- Incentive toda a comunidade para que se sinta responsável e assuma sua missão catequizadora.

A coordenação da catequese deve ser exercida de forma fraterna e caracterizar-se:

- Pelo serviço, animação, distribuição das tarefas, confiança nos catequistas;
- Pelo amor às pessoas;
- Pela vivência comunitária, participando de todos os eventos paroquiais e arquidiocesanos;
- Pela preocupação com a formação dos catequistas;
- Pelo relacionamento humano, afetivo, carinhoso, alegre;
- Em situações de conflito, buscando agir com serenidade, sabedoria, discernimento, escuta e paciência;
- Por acolher as sugestões e por aceitar as críticas com humildade.

*Características do Serviço da Coordenação*⁵⁰

- Suscitar vida entre as pessoas, cultivando um relacionamento humano, fraterno e afetivo.
- Manter a unidade e a rede de comunicação entre as diversas instâncias: comunidade, paróquia, diocese, regional e nacional.
- Adotar a metodologia do aprender a fazer fazendo, tendo presentes objetivos claros e ações concretas a serem desenvolvidas.
- Desenvolver qualidades necessárias para um trabalho em equipe: capacidade de escutar, aprender e dialogar; reconhecer os valores do grupo, proporcionando o crescimento da consciência crítica, da participação e

⁵⁰ DNC 318

do compromisso; expressar solidariedade nas dificuldades e nas alegrias; ter um espírito organizativo.

- Saber lidar com desencontros, problemas humanos e situações de conflito com calma, num clima de diálogo, caridade e ajuda mútua.
- Integrar-se com as demais pastorais (pastoral orgânica).

CAPÍTULO V – MINISTÉRIO DA CATEQUESE

Entende-se por ministério “um carisma em forma de serviço reconhecido pela Igreja”⁵¹. Ele está vinculado à missão da Igreja, como sendo um serviço indispensável. Há quatro tipos de ministérios:

- *Reconhecido*: serviço significativo para a comunidade, sem delegação especial do Pároco ou Bispo.
- *Confiado*: conferido por gesto litúrgico simples, ou alguma forma canônica.
- *Instituído*: conferido através de um rito litúrgico chamado ‘instituição’.
- *Ordenado*: conferido através do sacramento da Ordem.

A catequese é um ministério por estar inserida na missão de ensinar que a Igreja possui, no ministério da Palavra. Vale reforçar o que o Diretório Nacional de Catequese instrui:

“O ministério da palavra exige o ministério da catequese” (DGAE 23). Dada a importância da catequese e o fenômeno da rotatividade entre os catequistas, aconselha-se “que, na diocese, exista um certo número de religiosos e leigos estáveis e dedicados à catequese, reconhecidos publicamente, os quais, em comunhão com os presbíteros e o bispo, contribuem para dar a esse serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria” (DGC 231). “Ainda que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese, e ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, somente alguns recebem o mandato eclesial de ser catequistas. Juntamente com a missão originária que têm os pais em relação a seus filhos, a Igreja confere oficialmente, a determinados membros do Povo de Deus, especificamente chamados, a delicada missão de transmitir a fé, no seio da comunidade” (DGC 221). Aos catequistas reconhecidamente eficientes como educadores da fé dos adultos, jovens e crianças, e dispostos a se dedicarem por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade, pode ser conferido oficialmente o ministério da catequese (Cf. DGC 221b).⁵²

O ministério da catequese é configurado pelas seguintes características:

- **Serviço único**: por ser realizado conjuntamente, por leigos, religiosos, diáconos, padres e bispos.

⁵¹ CNBB. Ministério da Catequese, p.11

⁵² DNC 245

- Serviço oficial: por ser realizado em nome da Igreja.
- Serviço com caráter próprio: por se distinguir de outros serviços e ministérios também fundamentais.

A catequese deve estar presente em todos os campos da ação evangelizadora da Igreja, pois é um processo de educação da fé. Deus chama seus filhos e filhas para exercerem o múnus (serviço) profético, sacerdotal e régio a serviço da construção do Reino.

Crítérios para o Discernimento dos Catequistas que serão instituídos

Catequistas já atuantes

- a) Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco em diálogo com a coordenação paroquial de catequese.
- b) Ter no mínimo 20 anos de idade e, no mínimo, 5 anos de atuação e experiência na catequese no ato da instituição.
- c) Ter participado da formação básica na paróquia, conforme salientado no Documento 112, da CNBB. Cabe informar que há propostas de temas a serem considerados para estas formações no citado documento, cujas escolhas são de inteira responsabilidade dos párocos.
- d) Ter participado da formação específica e imediata para recepção do Ministério. Mínimo de 6 meses, conforme documento já citado anteriormente. Contudo, caberá à CAC apresentar proposta de cronograma para formação, devidamente respaldada pela Arquidiocese de Brasília.

Catequistas iniciantes

- a) Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco em diálogo com a coordenação paroquial de catequese.
- b) Ter no mínimo 20 anos de idade no ato da instituição.
- c) Atuação e experiência na catequese de no mínimo 5 anos.
- d) Participar de formação da Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC, em seus três níveis (básico, intermediário e avançado), acrescido de formação específica para recepção do Ministério, inclusive sendo considerados os temas sugeridos no Documento 112/2022 – CNBB, assim como o tempo de formação, previsto, em princípio, para um período de 4 anos, segundo proposta de cronograma da EAC, devidamente validada pela Arquidiocese de Brasília.
- e) Para todas as outras situações não contempladas no item acima, caberá à Comissão Arquidiocesana de Catequese proceder a uma minuciosa

análise dos documentos, das provas e da própria situação, visando responder à expectativa do catequista com relação ao enquadramento, de forma parcial ou total, nas disciplinas de formação para o Ministério.

CAPÍTULO VI – ESTRUTURA DA CATEQUESE NA ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA

A Diocese

é a porção do povo de Deus que é confiada ao Bispo para ser apascentada com a cooperação do presbitério, de tal modo que, aderindo ao seu pastor e por este congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua a Igreja particular, onde verdadeiramente se encontra e atua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica.⁵³

Para se promover uma ação pastoral comum às diversas dioceses próximas de acordo com as circunstâncias de pessoas e lugares, e para se estimularem as relações dos Bispos diocesanos entre si, as Igrejas particulares mais próximas sejam reunidas em províncias eclesiais, delimitadas por território determinado.⁵⁴

Brasília é uma Província Eclesiástica, presidida pelo Arcebispo Metropolitano de Brasília que compreende as seguintes Dioceses: Luziânia - GO, Formosa - GO, Uruaçu - GO, todas elas com seus respectivos bispos diocesanos. “Preside à província eclesial o Metropolita, que é o Arcebispo da diocese que governa; esse ofício está anexo à sé episcopal determinada ou aprovada pelo Romano Pontífice”⁵⁵.

A Arquidiocese de Brasília é formada por paróquias, reunidas em setores e vicariatos.

Comissão Arquidiocesana de Catequese – CAC

A catequese na Arquidiocese de Brasília é coordenada pela CAC composta pelo arcebispo, um bispo referencial, um padre assistente espiritual, um coordenador-geral, um vice coordenador, um ecônomo e até três coordenadores por vicariato.

Constitui objetivo da CAC promover a educação sistemática da fé, mediante o aprofundamento da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e a pessoa humana, através da interação fé e vida.

Coordenação da CAC

A coordenação-geral da CAC será nomeada pelo bispo e constituída por

⁵³ CIC Cân. 369

⁵⁴ CIC Cân. 431 § 1

⁵⁵ CIC Cân. 435

três catequistas (coordenador-geral, vice-coordenador e ecônomo), selecionados de uma lista tríplice indicada pelos membros da CAC, preferencialmente catequistas que integrem a Comissão ou tenham sido coordenadores de vicariato. Esta comissão tem como funções:

- Promover a unidade de ação entre arquidiocese, vicariatos, setores e Paróquias.
- Contribuir para a formação dos educadores da fé.
- Coordenar as Escolas Arquidiocesanas de Catequese – EAC.
- Manter intercâmbio com representantes do Regional e do Nacional.
- Organizar, acompanhar e animar as atividades da catequese.
- Promover encontros de avaliação, planejamento e partilha de experiências.
- Buscar comunhão com outras pastorais e serviços na arquidiocese.
- Refletir sobre Catequese, Bíblia, Liturgia e Evangelização Geral.

Sugere-se que o mandato para o cargo acima seja exercido por um período de 2 (dois) anos renovável por igual período de tempo. Contudo, deve-se seguir sempre a orientação do Arcebispo.

Coordenação de vicariato

A coordenação de vicariato será constituída por até 3 (três) catequistas, nomeados pela coordenação-geral da CAC e aprovados pelo bispo referencial, selecionados de uma lista tríplice indicada pelos coordenadores de setor, sendo preferencialmente catequistas que sejam ou tenham sido coordenadores de setor ou de paróquia.

O coordenador de vicariato é membro da CAC e deve ser o canal de comunicação com os coordenadores de setor e até com os coordenadores paroquiais e tem como funções:

- Zelar pela formação espiritual e doutrinal dos coordenadores de setor.
- Orientar, animar e assessorar os coordenadores de setor.
- Preparar e conduzir reuniões mensais com momentos de oração, partilha, formação e informações.
- Manter os coordenadores informados e atualizados das atividades realizadas pela arquidiocese e pela CAC.
- Assumir, junto com o coordenador arquidiocesano, as atividades da CAC.
- Coordenar a Unidade da Escola Arquidiocesana no vicariato, sempre em comunhão com a coordenação geral da CAC.
- Incentivar a participação dos coordenadores de setor e paroquial nas formações da Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC.

- Participar das formações arquidiocesanas, regionais e nacionais quando convidado.

Sugere-se que o mandato para o cargo acima seja exercido por um período de 2 (dois) anos renovável por igual período de tempo. Contudo, deve ser seguida sempre a orientação do Arcebispo.

Coordenação de setor

A coordenação de setor será escolhida pelo coordenador do Vicariato e constituída, em tese, por 2 catequistas, selecionados de uma lista tríplice indicada pelos coordenadores paroquiais, sendo preferencialmente catequistas que sejam ou tenham sido coordenadores de paróquia.

O coordenador de setor é o elo entre as paróquias e o Vicariato e tem como funções:

- Orientar, animar e assessorar os coordenadores paroquiais.
- Preparar e conduzir reuniões periódicas com momentos de oração, partilha, formação e informações.
- Zelar pela formação espiritual e doutrinal dos coordenadores paroquiais.
- Participar das formações e dos eventos da catequese promovidos pelo Vicariato e Arquidiocese.
- Visitar a catequese das paróquias do setor.
- Participar dos retiros promovidos pela CAC.
- Incentivar a formação dos coordenadores paroquiais a participarem da Escola Arquidiocesana de Catequese – EAC.

Sugere-se que o mandato para o cargo acima seja exercido por um período de 2 (dois) anos renovável por igual período de tempo. Contudo, deve-se seguir sempre orientação do Arcebispo.

Coordenação de paróquia

A coordenação paroquial é nomeada pelo pároco e constituída necessariamente por 1 ou 2 catequistas, selecionados de uma lista tríplice indicada pelo grupo de catequistas da paróquia.

O coordenador paroquial é o elo entre a catequese paroquial e o setor e tem como funções:

- Reunir periodicamente os coordenadores de etapas e capelas/comunidades e catequistas.
- Promover a comunhão entre as etapas da catequese.
- Zelar pela formação espiritual e doutrinal dos catequistas.
- Incentivar e enviar catequistas a fim de participarem das formações da EAC.

- Estar em comunhão com a coordenação do setor.
- Participar das formações e dos eventos de catequese promovidos pela paróquia, setor, vicariato e Arquidiocese.
- Integrar a catequese com as demais pastorais, em especial com a liturgia.
- Descobrir os talentos e aptidões de cada membro do grupo.
- Planejar e preparar, juntamente com o grupo, a ação catequética em todos os níveis e etapas da catequese.
- Promover retiros espirituais, formação sistemática e permanente dos catequistas em todos os níveis.
- Participar dos retiros promovidos pela CAC.
- Comparecer às formações propostas pela CAC.
- Preparar um planejamento catequético anual com um cronograma e apresentá-los ao pároco. O planejamento e o cronograma devem ser definidos pelo pároco.

Sugere-se que o mandato para o cargo acima seja exercido por um período de 2 (dois) anos renovável por igual período de tempo. Contudo, deve ser seguida sempre a orientação do pároco.

Ao final de cada ano, o coordenador de catequese paroquial deve enviar à Comissão Arquidiocesana de Catequese, por intermédio da coordenação de setor, alguns dados para a realização das estatísticas. Essas estatísticas são consolidadas por setor, depois por vicariatos e, por fim, por Arquidiocese e entregues ao Arcebispo, para conclusão de relatório anual e envio à Santa Sé.

As informações devem ser as mais precisas possíveis, e devem constar os seguintes dados:

- Relação de Coordenadores e Catequistas.
- Relação de catequizandos que receberam os sacramentos da Crisma e da Primeira Eucaristia.
- Cronograma de Atividades da Catequese.

A catequese da Arquidiocese de Brasília deverá ser inserida no sistema de dados da Arquidiocese, por meio de cadastramento próprio, em aba específica, cabendo aos párocos indicar pessoas de sua confiança as quais farão o trabalho de inserção de dados, de forma voluntária e gratuita, contemplando todos os catequistas e catequizandos em suas respectivas paróquias. Dessa forma, os dados estatísticos acima chegarão ao seu destino final mais rápido e confiadamente. Além disso, esta ferramenta permitirá a cada Paróquia ter acesso a informações relevantes relativas a catequistas e catequizandos.

Visando o resguardo e a proteção dos dados de todos os atores envolvidos no processo catequético, a Arquidiocese de Brasília, por intermédio do

seu setor jurídico, corroborou a inclusão de documento concernente à proteção dos dados, que é parte integrante destas Diretrizes (TERMO DE CONSENTIMENTO DA LGPD <https://arqbsb.juddigital.com.br/protacao-de-dados/>) e consta anexo. A partir do cadastramento do (a) catequista, será confeccionado termo de aceite ao serviço de voluntariado (<https://arqbsb.juddigital.com.br/formularios/>), para que o (a) interessado (a) assine, confirmando, assim, sua adesão ao serviço voluntário.

Coordenação de etapa

A coordenação de etapas, constituída por catequistas indicados pela coordenação-geral da catequese paroquial, é nomeada pelo pároco.

O coordenador de etapa é o elo entre os catequistas da etapa e a coordenação-geral da catequese paroquial e tem como funções:

- Apoiar e ajudar a coordenação geral da catequese paroquial na articulação das atividades da etapa.
- Ser responsável pela preparação dos encontros semanais junto com os catequistas da etapa.
- Zelar pela organização dos sacramentos juntamente com o coordenador paroquial.
- Organizar encontros com os pais e visitas às famílias dos catequizandos.

CAPÍTULO VII – PROCESSOS DE CATEQUESE

A Igreja, movida pela missão de educar para a fé o povo de Deus, dispõe de uma variedade de métodos catequéticos que, para ela, é “um sinal de vida e uma riqueza”⁵⁶, além do mais, “a catequese não tem um método único, mas está aberta a valorizar métodos diversos, confrontando-se com a pedagogia e a didática, e deixando-se guiar pelo Evangelho”⁵⁷. A escolha do método e da linguagem irá considerar a idade e a maturidade dos destinatários da catequese segundo uma lei fundamental para a Igreja: “a lei da fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem, numa única atitude de amor”⁵⁸, sem que haja oposição entre a catequese a partir dos fatos da vida e a catequese tradicional, doutrinal e sistemática, contudo, antes haja a justa conciliação da prática e da doutrina⁵⁹, partindo do “princípio de correlação”⁶⁰ e se enriquecendo de um “reequilíbrio criterioso [...] entre reflexão e espontaneidade, diálogo e silêncio, trabalhos escritos e de memória”⁶¹.

Assim sendo, a Arquidiocese de Brasília mostra-se aberta a diferentes metodologias, contudo, no mesmo espírito do Diretório Para a Catequese, adotará o catecumenato como fonte de inspiração para toda a catequese. Isso “não significa reproduzir de maneira servil o catecumenato, mas assumir o seu estilo e o seu dinamismo formativo”⁶². O catecumenato é fonte de inspiração da catequese de toda a Igreja, principalmente por ter caráter querigmático e possuir uma explícita intenção missionária. Além do mais, o catecumenato possui elementos que deverão servir de inspiração a qualquer outro método:

- Caráter pascal: Cristo ressuscitado é o centro a partir do qual toda catequese é orientada.
- Caráter iniciático: ele inicia na fé e introduz em todas as dimensões da vida cristã.
- Caráter litúrgico, ritual e simbólico: há diversos ritos e elementos simbólicos que perfazem o caminho catequético que estão contidos no Rito de Iniciação à Vida Cristã (RICA).
- Caráter comunitário: ele ocorre no seio de uma comunidade preparando o sujeito para viver cristãmente nesta mesma comunidade.
- Caráter de conversão permanente e de testemunho: ele se destaca como

⁵⁶ CT 51

⁵⁷ DpC 195

⁵⁸ CT 55

⁵⁹ Cf. CT 22

⁶⁰ DGC 196

⁶¹ CT 55

⁶² DpC, 64

um caminho de conversão e de purificação gradual, caminho que deve perdurar por toda a vida cristã.

- Caráter de progressividade da experiência formativa: o catecumenato é uma caminhada marcada por degraus, acomodando-se ao caminho espiritual e amadurecimento de cada sujeito.

Catequese de Inspiração Catecumenal

A sociedade hoje vive um tempo de mudança de época, em que desafia a catequese a buscar novas maneiras de anunciar Jesus, ajudando as pessoas a se encontrarem com Ele e tornarem-se suas discípulas missionárias. O catecumenato é uma prática antiga na Igreja e que foi restaurada depois do Concílio Vaticano II:

A inspiração catecumenal de toda a catequese permitir-nos-á formar cristãos firmes, atuantes e conscientes, na mudança de época em que inclusive a opção religiosa é uma escolha pessoal e não simplesmente uma tradição transmitida pelos pais e já imersa no tecido cultural de uma sociedade.⁶³

Vemos que nossa catequese cresceu muito em espiritualidade e conhecimento, e se desenvolveu nas várias dimensões da fé nas últimas décadas. Mas ainda há muito o que fazer para atender às necessidades dos interlocutores de hoje.

Em nossa arquidiocese ainda é preciso fazer um esforço para que a catequese se torne mais evangelizadora, missionária e catecumenal. É preciso que a catequese passe por um processo de profunda transformação até chegar à Iniciação à Vida Cristã.

Temos hoje uma catequese com foco acentuado na recepção dos sacramentos da iniciação cristã, destacando que os sacramentos fazem parte do processo, mas não são a finalidade última.

A catequese não prepara para este ou aquele sacramento. O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja. Nosso processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam este processo e têm consequências na vida. Diante da importância de se assumir uma catequese de feição catecumenal, é necessário rever profundamente não apenas os cursos de batismo e de noivos, e outros semelhantes, mas todo o processo de catequese em nossa Igreja, para que se pautem pelo modelo do catecumenato.⁶⁴

⁶³ CNBB. Itinerário Catequético, 2014, p. 40.

⁶⁴ DNC 50

Ressalte-se que, no processo de Iniciação à Vida Cristã, haja envolvimento da pastoral do batismo, a pastoral familiar, a pastoral da liturgia, a pastoral da catequese assim como e, na medida do possível, a comunidade como um todo.

A ação catequética contemplará três propostas, conforme cada um de seus diferentes destinatários:

- a) Catecumenato em sentido estrito para os não batizados, quer sejam jovens e adultos, quer sejam crianças em idade escolar e adolescentes;
- b) Catecumenato em sentido análogo para os batizados que não completaram os sacramentos da iniciação cristã;
- c) Catequese de inspiração catecumenal para todos os que receberam os sacramentos da iniciação, mas ainda não estão suficientemente evangelizados ou catequizados, ou para todos os que desejam retomar o caminho da fé.⁶⁵

Catequese “sacramental/doutrinal”

Há em diversas paróquias do Distrito Federal um modelo catequético cuja centralidade é a preparação para a recepção dos sacramentos da reconciliação, do batismo, da eucaristia e da crisma. Ainda que a preparação aos sacramentos seja indispensável, ela se mostra insuficiente quando realizada com caráter meramente doutrinal. Há ainda algumas paróquias que fazem uso do método “ver, iluminar, agir, celebrar e rever” na tentativa de integrar fé e vida, fugindo assim de uma catequese meramente doutrinal.

Lançando mão desse modelo catequético, as nomenclaturas utilizadas e as idades são apenas indicativas, mas frequentemente as etapas de catequese são:

- Pré-Eucaristia: crianças com 7 - 8 anos. Duração mínima de 1 ano.
- Eucaristia I: crianças com 8 - 9 anos ou mais. Duração mínima de 1 ano.
- Eucaristia II: crianças com 9 - 10 anos ou mais. Concluída esta etapa e devidamente preparadas, deverão ser encaminhadas para receber o sacramento da Reconciliação em preparação para a Primeira Eucaristia.
- Perseverança: etapa posterior a Primeira Eucaristia, que acolherá o jovem até que ele possa ser crismado.
- Crisma: 14 anos completos até junho. Duração: 2 anos, como determina o Diretório dos Sacramentos da Arquidiocese de Brasília.

As paróquias que seguem a metodologia da Catequese “sacramental/doutrinal” ofereçam também às famílias uma continuidade em seu crescimento

⁶⁵ DpC 62

espiritual, por meio da adesão à catequese de Iniciação Cristã com inspiração catecumenal, conforme determinado pela Arquidiocese de Brasília.

Catequese no âmbito familiar

A catequese no âmbito familiar é insubstituível, isto por preceder, acompanhar e enriquecer todas as outras formas de catequese⁶⁶. A família é a “igreja doméstica”⁶⁷, o que significa que em seu interior manifestam-se os diferentes aspectos e funções da vida da Igreja: evangelização, catequese, testemunho, oração, vida comunitária, etc. Deste modo, o Diretório para a Catequese⁶⁸ aponta três âmbitos da catequese familiar, a serem observados em cada comunidade e que, para sua devida promoção, deverá ser tarefa da catequese paroquial com apoio da Pastoral Familiar e de toda comunidade:

1. Catequese na família

A família, pela vida conjugal e familiar e a partir do sacramento do Matrimônio, é um instrumento de anúncio de fé e o lugar natural da vivência dessa fé. Nela, torna-se mais profunda a iniciação na vida cristã, através de uma educação cristã mais testemunhada, ocasional e permanente que ensinada, sistemática e estruturada. No interior da vida familiar essa catequese se manifesta pelo “despertar para o sentido de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do sentido cristão do amor humano”⁶⁹.

2. Catequese com a família

Além da família ser instrumento de fé, ela deve receber o Evangelho da Igreja, portanto, a família deve receber o querigma e ser catequizada pela Igreja. A catequese com as famílias caracteriza-se por um anúncio concreto, relacionado aos seus problemas cotidianos e não meramente teórico. Por isso, seu percurso será manifesto por meio de acompanhamento e apoio às famílias na sua tarefa de transmitir a vida, no exercício de sua tarefa de educar e na promoção de uma autêntica espiritualidade familiar.

3. Catequese da família

A família é um lugar de catequese, lugar este “onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos”⁷⁰. Ela é sujeito de catequese, enquanto

⁶⁶ Cf. CT 68

⁶⁷ Cf. LG 11

⁶⁸ DpC 227-231

⁶⁹ DpC 227

⁷⁰ AL 16

igreja doméstica alicerçada no sacramento do matrimônio⁷¹. Antes de qualquer outro, é obrigação e direito dos pais⁷² e dos que fazem suas vezes educar e formar⁷³ seus filhos na fé e na prática da vida cristã. Ademais, a obrigação de iniciar os filhos na fé cristã não é dispensada só porque os filhos participam de uma catequese paroquial ou de algum curso preparatório aos sacramentos⁷⁴. Portanto, frente à catequese paroquial, ou de outra modalidade, a Igreja garante aos pais o direito de ofertarem aos seus filhos uma catequese complementar.

Catequese do Bom Pastor

A Catequese do Bom Pastor encontra terreno fértil em nossa Arquidiocese. Este é um método criado pela biblista Sofia Cavalletti e pela pedagoga monessoriana Gianna Gobbi, em Roma, Itália, com foco na iniciação das crianças através da Liturgia, fazendo uso dos “sinais litúrgicos” (objetos e gestos) e da palavra contida na Bíblia (parábolas, relatos históricos da infância, acontecimentos pascais, etc.), com centralidade na “aliança” de Deus com a humanidade.

A Catequese do Bom Pastor é cristocêntrica. Ou seja, anuncia inicialmente Jesus Cristo, o Bom Pastor, às crianças, para só então apresentar-lhes as demais pessoas da Santíssima Trindade. Além disso, ela tem uma abordagem bíblico-litúrgica. Desde tenra idade, as crianças são apresentadas às “fontes”, ou seja, às orações e aos objetos litúrgicos, bem como aos textos bíblicos, sem alterações. A Eucaristia também é central, e diversos aspectos da Missa são ensinados em todos os níveis de idade, desde os gestos essenciais (Epiclese, as palavras da consagração e a Oferenda) para os pequenos, até a Liturgia completa dos diversos sacramentos para os maiores no nível 3.

Este não é um método de catequese cujo único propósito seja a preparação para receber os sacramentos. Portanto, mesmo após a primeira comunhão, as crianças retornam ao átrio correspondente à sua idade. Trata-se, antes de tudo, de uma catequese catecumenal, mistagógica e celebrativa, enfatizando a imersão da criança no Mistério de Cristo, com base na liturgia e no relacionamento da criança com Cristo na oração, bem como no trabalho com materiais concretos adequados aos anúncios.

Por fim, Jesus e a criança são o centro do processo de catequese, e o catequista deve adotar uma postura humilde de respeito à Palavra e à criança, uma vez que o anúncio que transmite não é de sua autoria, assim como a alma da criança que lhe foi confiada.

Esse método é benéfico para o ambiente paroquial e para a vida comu-

⁷¹ DpC 231

⁷² Cf. CIC Cân. 793 § 1

⁷³ Cf. CIC Cân. 774 § 2;

⁷⁴ DPF 142

nitária, sendo dividido em três níveis de acordo com as características e necessidades de cada faixa etária:

Nível 1, para crianças de 3 a 6 anos,

Nível 2, para crianças de 6 a 9 anos, e

Nível 3, para crianças de 9 a 12 anos.

É essencial que os catequistas recebam formação adequada para usar essa metodologia. Mais informações sobre a formação de catequistas, visite o site oficial em <https://www.catequesebompastor.com.br>.

As paróquias que seguem a metodologia da Catequese do Bom Pastor ofereçam também às famílias uma continuidade em seu crescimento espiritual, por meio da adesão à catequese de Iniciação Cristã com inspiração catecumenal, conforme determinado pela Arquidiocese de Brasília.

Catequese para Pessoas com Deficiência – PcD

O amor do Pai para com os filhos que têm deficiência e a contínua presença de Jesus com o seu Espírito dão-nos a confiante certeza de que toda pessoa é capaz de crescer em santidade. Desse modo, as paróquias acolham a todos sem distinção alguma.

Nessa catequese deve-se usar o mesmo itinerário, porém, ela requer catequistas com uma específica competência para o serviço, preparado em nível de vicariato, tendo-se o cuidado de evitar o risco de uma catequese separada, à margem da pastoral comunitária.

Catequese nas Escolas Católicas

A catequese em escolas católicas é uma importante realidade em Brasília, haja vista que evangelizar por meio da educação é uma tarefa laboriosa e exigente, que apresenta e representa muitos desafios.

O Diretório para a Catequese⁷⁵ refere-se à ação das escolas católicas, definindo a escola católica como “uma comunidade de fé, que se baseia num projeto educativo caracterizado pelos valores evangélicos”⁷⁶. Este projeto comporta o envolvimento de toda a comunidade escolar, inclusive dos pais.

A escola católica é sujeito eclesial, que torna visível a missão da Igreja sobretudo nos campos da educação e da cultura. Ela tem como ponto de referência a Igreja particular, em relação à qual não é um corpo estranho. Por isso, não se pode excluir ou marginalizar nem a sua identidade católica nem o seu papel na evangelização.⁷⁷

⁷⁵ DpC 309-312

⁷⁶ DpC 310

⁷⁷ DpC 311

Pode-se afirmar que o texto acima corrobora a pertença, o vínculo das escolas católicas com a Arquidiocese bem como com a paróquia de sua jurisdição.

A maioria das escolas católicas que optam por oferecer catequese em suas instituições têm como objetivo os sacramentos, os quais podem ser realizados nas dependências das escolas ou nas paróquias a que estão vinculadas.

Em algumas instituições católicas, o envolvimento das famílias na evangelização ainda é um grande desafio, haja vista predominância de uma visão deturpada da catequese como a de um “conteúdo extracurricular”. Trata-se de uma questão cultural.

O Diretório dos Sacramentos da Iniciação Cristã da Arquidiocese de Brasília contempla, em seu bojo (n. 6, p.30) orientações importantes e ainda vigentes para a catequese de crisma, afirmando que:

Quando realizada em colégio, deverá ter à frente uma equipe de catequistas, com aprovação e acompanhamento do pároco, do administrador da paróquia ou da área pastoral, ou do respectivo capelão. Neste caso, os crismandos devem ser incentivados, ainda mais, a participar da vida de sua comunidade paroquial.

O documento assegura que tal catequese deve ter como destinatários apenas alunos da própria escola, privilegiando o diálogo com a paróquia de sua jurisdição. Em relação ao sacramento de Primeira Eucaristia, o Diretório (n. 50, p.48) encaminha para que a preparação seja primordialmente realizada em uma paróquia, capela ou comunidade eclesial. Caso seja contemplada em escolas, deve haver entendimento entre todos os envolvidos: direção da respectiva escola, pároco local e sua equipe de catequistas, “observando-se o cronograma de temas propostos pela Arquidiocese de Brasília”.

As escolas que optarem por oferecer Catequese, nas suas dependências, devem procurar aplicar o que pedem os documentos norteadores da catequese na Arquidiocese de Brasília, estabelecer diálogo com o pároco da Paróquia da jurisdição a que pertencem bem como o conteúdo catequético ministrado.

É indispensável que os catequizandos tenham a consciência da sua pertença e da sua família à comunidade paroquial.

Faz-se imprescindível um diálogo e uma sinodalidade cada vez maior entre as comunidades – escolar e catequética paroquial –, envolvendo todos os atores responsáveis a respeito de cronograma e temas mais semelhantes entre si e de acordo com o processo catequético determinado pela Arquidiocese. Tudo isso objetivando uma catequese mais fraterna, humana, dialógica, vivencial e pragmática.

CONCLUSÃO

Esperamos que as propostas e reflexões aqui apresentadas sejam acolhidas e colocadas em prática, sendo assim motivo de crescimento na comunhão de toda a catequese de nossa arquidiocese.

Sabemos que estamos diante de um grande desafio que é implementar a Iniciação à Vida Cristã em nossa arquidiocese, por isso, será formada uma comissão para viabilizar esta implementação.

O que está diante de nós é o desafio de construção e consolidação desse paradigma pastoral da Iniciação à Vida Cristã. É necessário integrar aspectos de acolhimento, de mergulho no mistério cristão, de acompanhamento e integração na comunidade eclesial. Não faltarão resistências e dificuldades de todo tipo. O importante, porém, é com humildade e disponibilidade, de modo comunitário, criativo e profético, ouvir o que o Espírito Santo diz à Igreja.⁷⁸

Pedimos a intercessão de Maria e de todos os santos e santas para que a escuta da Palavra e o trabalho catequético nos façam crescer na fé e que pela fé esperemos, e esperando aprendamos a amar.

⁷⁸ CNBB. Iniciação à vida cristã, 244

ANEXO I – IDENTIDADE VISUAL DA MARCA COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE – CAC

A CAC é reconhecida como a principal representação da catequese no âmbito da Arquidiocese de Brasília. Ao longo de todos os anos de atuação catequética, a CAC se fez presente em diversos momentos, sendo tão necessária à catequização do povo de Deus que habita na capital do país.

Para tal ação, além da presença marcante de suas ações, surgiu a necessidade da construção de um emblema visual público da Comissão na memória de toda comunidade catequética.

Sob essa perspectiva, foi criado, fruto do esforço imaginativo de alguns catequistas, por ocasião das celebrações do ‘Jubileu dos Catequistas’, na entrada do Novo Milênio, o esboço da marca da CAC. Tal expressão visual tem o objetivo de se fazer presente nas atividades catequéticas dos vicariatos, setores, paróquias e consequentemente aproximar e se fazer lembrar na vocação evangelizadora.

Com o objetivo de unificar os padrões de comunicação visual, normatizar, regulamentar e resguardar o uso da marca da CAC, procedeu-se registro junto ao órgão competente.

Vale ressaltar que, a fim de regulamentar a utilização da logomarca da CAC, a partir do registro, procedeu-se à criação de um manual, que contém desde o histórico da criação até as normas que regulam a sua utilização por aqueles que assim o desejarem. Esse documento está em poder da CAC e poderá ser consultado por quem assim o almejar.

Apresentação da Marca Comissão Arquidiocesana de Catequese – CAC



Figura 1 - Marca da Comissão Arquidiocesana de Catequese Fonte: (Autoria própria)

Orientações quanto ao uso da marca ‘CAC’ à comunidade catequética

Para a Comissão Arquidiocesana de Catequese é uma imensa alegria disseminar as atividades catequéticas em nossa Arquidiocese. Portanto, a utilização da marca da CAC é extensível a todas as paróquias do Distrito Federal. Entretanto, exige-se a devida formalização de tal uso por meio de requisição formal.

As requisições deverão ser realizadas por meios amplamente divulgados pela CAC, especificando detalhadamente o objetivo de seu uso. Dessa forma, garantiremos que essa Comissão, assim como toda comunidade catequética, fará bom uso da marca, gozando dos bons frutos da evangelização na comunidade na qual a mesma esteja inserida.

Além da requisição, torna-se necessária a apreciação pela Comissão Arquidiocesana de Catequese do projeto final à qual a proposta de uso se refere. Caso a proposta inicial sofra modificações, uma nova solicitação deverá ser encaminhada à apreciação da CAC.

Por fim, cabe ressaltar que alterações, modificações, incrementos ou ações similares na marca já concebida são vedadas, ou seja, a disponibilização da marca ‘CAC’ deverá ser disposta tal como consta no ‘Manual da Marca – CAC’.

Certos de que essa marca imprimirá um sentimento de verdade com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, desejamos a todos um bom uso da marca.

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS PARA CATEQUISTAS

Este documento visa registrar a manifestação livre, informada e inequívoca concedida pela pessoa abaixo qualificada, que neste ato **AUTORIZA** e concorda com o tratamento de dados pessoais pela ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA, também conhecida por MITRA ARQUIDIOCESANA DE BRASÍLIA, nos termos descritos abaixo, em conformidade com o art. 7º da Lei 13.709/2018 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Nome:		
RG:	CPF:	Estado Civil:
Telefone:		Profissão:
Endereço: _____, nº _____,		
Bairro/Região: _____, Cidade: _____ UF: _____		

Do Tratamento de Dados

A ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA, na qualidade de CONTROLADORA DOS DADOS fica autorizada a ter acesso e compartilhar com os seus parceiros, operadores, colaboradores e demais organismos da Igreja Católica Apostólica Romana, para os fins abaixo especificados, e cuidar dos seguintes dados pessoais do TITULAR:

Nome completo, localização (endereço completo), data e local de nascimento, nacionalidade, estado civil, telefone, identidade oficial, cadastro de pessoas físicas (CPF), fotos (perfil e durante celebrações religiosas), sexo, filiação, e-mail, informações de histórico escolar e acadêmico, informações acerca da formação religiosa e histórico de vivência na Igreja, informações acerca de deficiências físicas.

Finalidades do Tratamento de Dados

A ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA poderá utilizar os dados pessoais do TITULAR acima para:

- 1. Cumprir obrigações contratuais, legais e regulatórias da Igreja e em razão de suas atividades;**
- 2. Execução dos seus Projetos, Programas Pastorais e divulgação em mídias sociais e portais da Igreja;**
- 3. Fomentar, desenvolver e melhorar soluções para a Igreja Católica e suas pastorais;**
- 4. Realizar pesquisas junto aos departamentos da Cúria Metropolitana de Brasília, Paróquias, Seminários e demais organismos da Igreja Católica no mundo;**
- 5. Manter o Arquivo da Chancelaria atualizado acerca de informações consideradas relevantes para o exercício da catequese, sobretudo acerca da formação e do desempenho das atividades catequéticas;**
- 6. Realizar a comunicação oficial pelos Sistemas Informatizados da Igreja Católica de Brasília, seja por meio de seus portais na Internet (Site da Arquidiocese de Brasília e Site da Procuradoria Arquidiocesana), seja por meio do Sistema Contábil da THEOS, inclusive por meio de seus colaboradores/prestadores de serviços, por meio dos canais de comunicação, tais como aplicativo de mensagens, telefone, e-mail, SMS, WhatsApp, Telegram, etc.)**

O TITULAR declara estar ciente de que a ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA poderá compartilhar os seus dados pessoais com seus parceiros, colaboradores e demais prestadores de serviços, restringindo-se às funções e atividades desempenhadas pelos(as) catequistas e em aderência às finalidades acima estabelecidas.

O TITULAR declara estar ciente de que a ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA poderá tomar decisões automatizadas com base em seus dados pessoais, sendo garantido a ele o direito de solicitar, por meio da Procuradoria da Cúria Metropolitana, a revisão dessas decisões.

Confidencialidade

O TITULAR declara estar ciente do compromisso assumido pela ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA de tratar os seus dados pessoais de forma sigilosa e confidencial, mantendo-os em ambiente seguro e não sendo utilizados para qualquer fim que não os descritos acima.

Revogação

O TITULAR declara estar ciente de que, a qualquer tempo, pode retirar o con-

sentimento ora fornecido, mediante solicitação via e-mail para: procuradoria@arquidiocesedebrasilia.org.br, hipótese em que as atividades desenvolvidas pela ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA, no âmbito desta relação, poderão restar prejudicadas. Declarando também, que seus dados pessoais poderão ser armazenados, mesmo após o término do tratamento, inclusive após a revogação do consentimento para: **a)** cumprimento de obrigação legal ou regulatória pela Igreja Católica Apostólica Romana; ou **b)** desde que tornados anônimos.

Canal de Atendimento

O TITULAR declara estar ciente da possibilidade de utilizar o canal de atendimento à LGPD da ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA, disponibilizado por meio do link: <https://arqbsb.juddigital.com.br/protecao-de-dados/>, mantido pela Procuradoria Arquidiocesana, para tirar dúvidas e/ou realizar solicitações relacionadas ao tratamento dos seus dados pessoais.

Ao final, o TITULAR declara ter lido e estar suficientemente informado sobre o conteúdo deste Termo, ratificando seu consentimento com o tratamento dos seus dados pessoais aqui descritos, de forma livre e esclarecida, em observância ao que dispõe a LGPD e às demais normatizações sobre proteção de Dados Pessoais aplicáveis.

Canal de Comunicação

O TITULAR manifesta-se de forma clara, livre, expressa e consciente, no sentido de autorizar a ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA a realizar contato com ele(a) através dos seguintes canais:

e-mail: _____

Ligação Telefônica: _____

(informar todos os números autorizados)

App de Comunicação (WhatsApp e Telegram) _____

Brasília-DF, ____ de _____ de _____.

TITULAR DOS DADOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***: A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- CNBB. **Catequese Renovada**. (Documentos da CNBB, 26). 39. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CNBB. **CrITÉrios e ItinerÁrio para a InstituiÇão do MinistÉrio de Catequista**. (Documentos da CNBB, 112). BrasÍlia: Edições CNBB, 2022.
- CNBB. **DiretÓrio da Pastoral Familiar**. (Documentos da CNBB, 79). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CNBB. **DiretÓrio Nacional de Catequese**. (Documentos da CNBB, 84). BrasÍlia: Edições CNBB, 2006.
- CNBB. **Iniciaco à Vida Cristã**: itinerÁrio para formar discÍpulos missionÁrios. (Documentos da CNBB, 107). 2. ed. BrasÍlia: CNBB, 2017.
- CNBB. **ItinerÁrio CatequÉtico**: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal. 1. ed. BrasÍlia: Edições CNBB, 2014.
- CNBB. **MinistÉrio da Catequese**. (Estudos da CNBB, 95). São Paulo: Paulus, 2007.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição DogmÁtica Dei Verbum**: Sobre a Revelação Divina. Documentos do ConcÍlio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. BrasÍlia: Edições CNBB, 2008.

FRANCISCO. **Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium***: Pela qual se institui o Ministério de Catequista. São Paulo: Paulinas, 2021.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia***: Sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***: A Catequese Hoje (n.º. 93). 15. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: A Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã, um processo de inspiração catecumenal**. Estudos da CNBB, 97. São Paulo: Paulus, 2009.

Código de Direito Canônico (CIC). 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Ritual da iniciação cristã de adultos (RICA). São Paulo: Paulus, 2001.